

“Pêlo colo, me colo? Pelo colo, des-colo?”: sobre o nas-Ser de uma criança com transtorno do espectro autista^[1]

Helga S. M. Quagliatto^[2]

RESUMO: Na sala de análise, uma criança de 3 anos de idade com transtorno do espectro autista manifestava terrores no nível pré-verbal, pré-imagético e pré-conceitual (Tustin, 1990) diante de condições traumáticas de separação. A partir de uma sessão em que a analista, sentada no chão para se aproximar do seu pequeno paciente, é surpreendida quando ele aloja todo o corpo, imóvel, sobre suas pernas, relata-se uma experiência de “colagem” sensorial, pêlo a pêlo, pele a pele. A contínua repetição espontânea dessa experiência emocional permitiu um trabalho gradual e lúdico de reconhecimento da pele como um envelope psíquico para o processo de separação/individuação da criança, como um a-pelo ao seu nas-Ser psíquico.

PALAVRAS-CHAVE: transtorno do espectro autista, constituição psíquica, envelope psíquico, pele psíquica

1. Considerando a natureza deste artigo e as particularidades de seu relato clínico, optou-se por utilizar alguns termos e neologismos que fogem à norma gramatical para dar mais liberdade poética ao texto. Isso será observado na junção de “nascer” e “ser” em “nas-Ser”, e nos termos “des-colo” e “a-pelo”. Por fim, optou-se também por usar o circunflexo em “pêlo”, apesar do Novo Acordo Ortográfico, para garantir que trechos não ficassem ambíguos.

2. Psicanalista e psicóloga. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), membro do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia e Região (NPU) e coordenadora do Núcleo de Investigação Psicanalítica da Infância (Nipi).

A pele envolve o corpo; por analogia com a pele, o eu envolve o psiquismo; por analogia com o eu, o pensamento envolve os pensamentos; a analogia aqui não é uma vaga semelhança, mas uma correspondência ponto a ponto dos elementos de cada conjunto. (Anzieu, 1993/1998, p. 51, tradução livre)

Pedro, uma criança que acabou de completar 3 anos, não consegue brincar e dar sentido lúdico à interação com figuras animadas e inanimadas, indicando sua dificuldade no processamento de introjeção e identificação com os objetos. Seu contato visual é fugaz, e suas interações ocorrem através do tato, tocando tudo e todos com a ponta do dedo indicador para, em seguida, desprezá-los. Apresenta uma estereotipia motora e ritmada de sucção dos lábios (em especial ao usar a chupeta), com uma tendência a realizar a marcha sobre a ponta dos pés. Com relação à linguagem, emite sons (balbucios), mas não se comunica verbalmente, mesmo tendo o aparato fonatório que permitiria esse uso. Também não responde a ordens simples do cotidiano.

Batistelli e Amorim (2014) esclarecem que a psicanálise compreende que o autismo implica um déficit de desenvolvimento e, portanto, não descarta a possibilidade de fatores orgânicos ou mesmo genéticos interagindo com as questões emocionais. Enfatizam os estudos tanto da epigenética – ao evidenciar os fatores que interferem na expressividade genética, reforçando o ponto de vista da importância do ambiente da criança, tanto em termos gerais como emocionais –, bem como da plasticidade cerebral – indicando, nesse arcabouço, possibilidades de desenvolvimento daqueles que apresentam transtornos do espectro autista (TEA).

Sustentada por essas concepções, a analista constituiu, no trabalho com Pedro, um *setting*, como um *meio maleável* (Roussillon, 2019), de fácil apreensão, consistente, disponível, receptivo, previsível, sensível e animável, ao atribuir vida através da fantasia, constituindo sentido e função a cada movimento e atividade da criança, na tentativa de transformar dados brutos da experiência em possíveis representações a serem utilizadas no processo de simbolização, com vistas à constituição da subjetividade da criança.

Inicialmente na interação com Pedro, as funções eram apresentadas com associatividade emocional aos seus movimentos, como quando ele batia uma panelinha de brinquedo no chão e a analista acompanhava: “O Pedro está fazendo barulho com a panelinha... a Helga vai também fazer barulho... junto com o Pedro... vou bater minhas mãos”. Ritmavam-se as palmas de acordo com os sons produzidos pela criança, que, inicialmente, parecia indiferente, mas que, fugazmente, lançava um olhar para a analista. Em outros momentos era proposto: “Sabe Pedro, é bom brincar com a panelinha fazendo barulho, mas também podemos brincar de fazer papá”. A analista pegava uma colherzinha e mexia dentro da panela, qualificando a experiência ao brincar de experimentar a comida: “gostoso... hummmm...”.

Essa postura ativa era uma tentativa de desenvolver respostas imitativas, com sentido lúdico, como uma primeira possibilidade de aprendizagem, no sentido de transformar as ações somáticas e musculares em sentimentos e, possivelmente, pensamentos.

De acordo com Hobson (2004, cap. 2), os bebês que não imitam, experimentaram fracassos repetidos de reciprocidade na relação com o objeto primário e não têm competência para convocar os pais para a interação. Bianchedi et al. (1999) contribuíram com essa discussão ao esclarecer que as dificuldades relacionais estão ligadas em parte às pulsões do bebê e sua escassa tolerância à frustração, e em parte ao ambiente.

Essas ideias reportam a importância da qualidade do objeto primário como estruturante do psiquismo ao validar a percepção da criança, para que ela se aproprie da experiência e possa discriminar, inicialmente, o Eu e o não-Eu. Entretanto, Roussillon (2015) nos alerta que “o vínculo e a construção do vínculo primário, em particular, não são algo ‘dado’, que sempre comparece aos encontros humanos, que eles podem apresentar falhas ou particularidades tais, em sua construção, que o conjunto da vida psíquica pode ficar duradouramente afetado” (p. 34).

Pedro nasceu prematuramente e precisou permanecer na unidade de terapia intensiva (UTI) neonatal por cerca de 40 dias. As intervenções necessárias para permitir a sua sobrevivência e desenvolvimento incluíram inúmeras condições artificiais – incubadora, sonda gástrica, perfusões, controle permanente dos principais constantes biológicos, medicamentos etc. – que expuseram o corpo da criança a situações de intrusão antes de ela ter um aparelho psíquico que pudesse suportá-las, além de um ambiente, muitas vezes, intensamente iluminado, com temperatura controlada e ruídos excessivos.

Considera-se que todas essas condições podem ser minimizadas com o alojamento conjunto mãe-bebê na UTI neonatal e no berçário, com o intuito de manter a permanência da relação afetiva da dupla e evitar uma separação abrupta também no pós-parto, diminuindo a ansiedade dos pais, favorecendo o início da interação na descoberta das necessidades da criança e instrumentalizando os pais para lidar com o seu filho.

Entretanto, os pais de Pedro relataram não ter vivenciado a experiência de alojamento conjunto, e que o contato com o bebê era restrito a alguns horários de visita, não permitindo uma interação satisfatória. Conseqüentemente, a mãe descreve momentos de angústia, tanto pela privação do contato com o filho como pela impossibilidade de amamentá-lo.

Todo esse histórico de sofrimento diante das possíveis perdas decorrentes de um parto prematuro, associado às privações da relação mãe-bebê advindas do período pós-natal, indicam que a criança esteve em um estado de maior vulnerabilidade psíquica.

Retraído na perspectiva simbólica, o desafio era tentar constituir um continente, no espaço analítico, que abrigasse as agonias de Pedro, as nomeasse e criasse possíveis representações. Tustin (1990), ao descrever as crianças com autismo psicogênico, discute que elas reagem maciçamente às condições traumáticas de separação e manifestam terrores em nível pré-verbal, pré-imagético e pré-conceitual. Esses buracos negros são preenchidos com objetos autísticos, através de descargas sensoriais.

Pêlo colo, me colo?

A aposta libidinal em Pedro foi expandida no decorrer de uma sessão em que ocorreu uma manifestação espontânea da criança, a qual foi apreendida com funções de intencionalidade em relação ao objeto.

A analista está sentada no chão, com as pernas cruzadas, para acompanhar as movimentações da criança e, naturalmente, estica as pernas, com as costas apoiadas na parede. De repente, Pedro vem e se deita sobre as suas pernas, imóvel (a analista está vestida com uma calça mais curta que deixam suas pernas parcialmente expostas).

Tendo sido pega de surpresa com essa atitude, a analista sente os pêlos do seu braço ficarem arrepiados. Intuitivamente, percebe que ocorreu uma comunicação muito primitiva da dupla, no nível sensorial. Mantém-se, então, parada e em silêncio, tocada profundamente por uma sensação de inseparabilidade que escancarava a dimensão do desamparo vivido por Pedro. É fundamental legitimar essa experiência, que em seguida é acompanhada também do desconforto provocado pela rigidez da tonicidade corporal da criança, da sua posição física e emocional, bem como de sentimentos de estranheza, agonia e medo.

Stern (1985/1989) ensina que "esquemas de estar com" são como a maneira em que o sujeito conta sua experiência de encontro primário com o objeto. Naquele momento, o *esquema* era sustentar e equilibrar Pedro colado a uma forma muito primitiva de contato: pêlo a pêlo, pele a pele.

No final da sessão, pode-se nomear a experiência: "Pedro, você viu o que aconteceu? Hoje ficamos tão juntinhos que parece que estamos colados!". Na sequência, quando anunciado que a dupla iria se separar pelo término do encontro, pela primeira vez ele resiste e se mantém quieto, fazendo com que a analista nomeie cada parte do seu corpo que iria se "descolar" e voltaria em outro dia.

Configurou-se, assim, um campo transferencial sensorial que, pela adesividade entre os corpos da criança e da analista, representava um modelo fusional que poderia vir a se tornar, ou não, uma experiência de separabilidade (Houzel, 1991), na medida em que se compreende que o primeiro fato psíquico só pode ser vivido corporalmente. Segundo Maiello (2014),

a impossibilidade de ter um corpo é consequência de não poder ser um corpo. A criança só pode saber que tem corpo se tiver a experiência de si como ser separado. O sentimento de ser um corpo que deve estar afastado da fantasia de unidade primária é pré-requisito para a instituição da relação com o corpo percebido tanto a partir de dentro (percepções proprioceptivas) quanto a partir de fora como entidade que pode ser vista, ouvida, tocada e cheirada, tanto por si própria quanto por outros. Apenas então é possível constituir vínculos não fusionais com outro sujeito reconhecido em sua alteridade. (p. 2)

Na sessão seguinte, a analista está de calças compridas que não expõem sua pele. A criança não recorre ao seu colo. Entretanto, na sessão subsequente, quando

a analista, propositalmente, se apresenta com uma roupa que permite que parte da pele de suas pernas estejam expostas, a criança se deita novamente. Repete-se, em mais de 10 sessões subsequentes, o *esquema*: “Pêlo colo, me colo!”

A analista passa a nomear, gradualmente e pausadamente, a experiência de “colagem” sensorial, como um modelo de envelope corporal:

Pedro está coladinho...
 Sentindo o quentinho do colo da Helga...
 Sentido se está macio...
 Sentindo onde está duro... [analista movimentava levemente os joelhos]
 Sentindo nossa respiração... [analista exacerbava o ritmo respiratório]
 Pedro está quietinho, quietinho... para não ter que descolar...
 Pedro quer se sentir seguro e tranquilo...

Gradualmente, surgiram movimentos mínimos, que foram sendo interpretados:

O pezinho do Pedro descolou um pouquinho... mas pode voltar a ficar juntinho...
 [ajudando-o a se aconchegar novamente]
 Pedro quer aprender a ficar juntinho...
 A Helga pode ficar juntinha com o Pedro...
 Pedro e Helga.

Pelo colo, des-colo?

Após esse período, em que Pedro silenciosamente mantinha o corpo todo colado às pernas da analista, a criança começa a se movimentar, delicadamente. A analista, em um timbre suave, registra a experiência:

A perninha do Pedro pode descolar um pouquinho... está descolando... para sentir o chão e ver como está... será que está também quentinho...
 Pode sentir o chão e depois voltar a sentir a Helga...
 O chão é duro... a Helga é macia... o chão é frio... a Helga é quentinha...
 O Pedro vai conhecer o chão e volta...

Nesses momentos iniciais, a criança treme o corpo e o enrijece, dando a dimensão de possíveis *agonias impensáveis* (Winnicott, 1974/1994). É preciso, então, mantê-lo equilibrado sobre as pernas. Um equilíbrio sensorial que poderia promover a internalização de um objeto que procura envelopar o seu ego. “O esforço que o sujeito faz para ‘se tornar sujeito’ será, portanto, o de tentar ‘a qualquer preço’ tornar ‘maleável’ esse ambiente rígido” (Roussillon, 2015, p. 45).

A analista passa, em sessões subsequentes, a brincar de movimentar as próprias pernas, como se fossem um balanço, e um novo repertório verbal é encenando na dinâmica:

O Pedro balança para lá e pra cá... não vai cair... a Helga segura o Pedro...
 A perninha do Pedro soltou do balanço... mas o Pedro consegue voltar...

Ou quando o observa olhando para algum objeto:

A mãozinha do Pedro quer ir pegar o cachorro?

O Pedro pode ir que a Helga vai ficar aqui esperando...

Lentamente, Pedro vai saindo do colo da analista e volta com algum objeto, que é introduzido na brincadeira. A analista transforma os personagens em amigos que vieram visitar o Pedro no colo/casinha, e todos "conversam" – através de falas, tons, músicas e mímicas da analista – sobre o processo de colar/descolar, envolvendo os possíveis medos e fantasias desse trânsito entre o concreto e o simbólico, para tentarmos constituir um "Eu pele" em busca de um "Eu pensante" (Anzieu, 1985/1989).

No percurso desse processo, a mãe relata que, pela primeira vez, Pedro falou a palavra "não" ao impedir que uma outra criança pegasse seu brinquedo. Essa comunicação se apresenta como um indicativo da possibilidade da criança de se constituir em sua alteridade. Pode-se conjecturar que a pele, enquanto órgão sensorial, passou a ser modelo de um possível envelope psíquico para o processo de separação/individuação de Pedro.

Athanassiou (1982) contribui com o entendimento desse processo ao detalhar os modos unidimensional e bidimensional a partir das descobertas de Esther Bick. Primeiramente, o Self só se constitui como um ponto agarrando-se ao ponto sensorial que lhe é oferecido pelo objeto. O bebê agarra-se assim a uma luz, a um som, ou mesmo às próprias contrações musculares. Na experiência com Pedro, essa dimensão era observada, no início do trabalho analítico, quando ele apenas se agarrava aos sons, ao bater os objetos no chão. No desenvolvimento para a bidimensionalidade, o Self se cola ao objeto como uma pele a outra pele. O bebê se cola à pele da mãe, à superfície dos objetos, para constituir, dessa forma, uma "pele psíquica" para si.

Nas-Ser? Partir...

A hora do encontro

É também despedida

A plataforma dessa estação

É a vida desse meu lugar

É a vida desse meu lugar

É a vida...

– Milton Nascimento, "Encontros e despedidas"

Após os feriados das festas de fim de ano, os pais comunicam uma mudança de cidade, em função de compromissos profissionais, não havendo espaço para a continuidade da análise.

Na última sessão, Pedro chega com um pacote de milho de pipoca. Ao entrar, depois de algum tempo, rasga o saquinho, fazendo com que todos os grãos se espalhem

pela sala de análise. É impossível reuni-los, bem como não podemos mais tentar juntar/colar as partes de Pedro.

Assim, ele se descola abruptamente da analista. Mas com uma nova condição de representação, mesmo que por ato, dessa experiência.

Esther Bick (1967/1992) descreve que,

em sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si e que, portanto, devem ser mantidas unidas de um modo que vivenciam passivamente – com a pele funcionando como limite. Mas essa função interna de conter as partes do self depende, inicialmente, da introjeção de um objeto externo, sentido como capaz de cumprir essa função. (p. 194)

Compreende-se que Pedro viveu essa experiência, na relação com a analista, de forma regressiva, buscando uma contenção no contato “pêlo a pêlo/pele a pele”, por ter constituído, precocemente, uma “segunda pele” (Bick, 1967/1992), na qual a dependência do objeto foi substituída por uma pseudoindependência, em momentos muito iniciais do seu desenvolvimento, nos quais ocorreram perturbações insuperáveis para o ego dessa criança.

Concordo com Maiello (2014) ao afirmar que o objetivo do processo analítico é ajudar a criança autista a ir vivendo seu “self-sentido”, isolado, sem corpo e autosensual, aos poucos, como uma entidade mais sólida, enraizada em um corpo contido e continente, i.e., o *ego psicofísico*, um ser humano capaz de interagir com outros seres humanos.

Pedro ecoa, com sua partida, o significado de seu a-pelo para o seu nas-Ser psíquico.

“Pelo a pelo, ¿en el regazo me pego? ¿Por el regazo me des-pego?”: sobre el na-Ser de un niño con trastorno del espectro autista

Resumen: Un niño de tres años, que presenta un trastorno del espectro autista, se encuentra en la sala de atención clínica del consultorio y manifiesta terrores en los niveles preverbal, preimagético y preconceptual (Tustin, 1990) ante las condiciones traumáticas de separación. A partir del contenido de una sesión en que la analista, sentada en el piso para que el pequeño paciente pueda acercarse, es sorprendida cuando el niño aloja todo el cuerpo, inmóvil, sobre las piernas de la profesional y ésta relata una experiencia de “pegarse” sensorialmente, pelo a pelo, piel a piel. La continua repetición espontánea de este tipo de experiencia emocional ha permitido realizar un trabajo gradual y lúdico de reconocimiento de la piel como una envoltura psíquica para el proceso de separación / individuación del niño como un a-pelo a su na-Ser psíquico.

Palabras clave: trastorno del espectro autista, constitución psíquica, envoltura psíquica, piel psíquica

“Hairy skin, lap, am I attached? Through lap, am I detached?”: on the birth into being of a child with autism spectrum disorder

Abstract: In the therapy room, a 3-year-old child with autism spectrum disorder faced with traumatic conditions of separation was showing terrors on a level prior to speech, imagery and conceptualization (Tustin, 1990). During a session when the analyst is sat on the floor, as to come closer to the small patient, she is surprised by him as he accommodates his whole body, completely still, over her legs. From then on, a sensory “attachment” experience is reported, with skin to skin, body hair to body hair. The continuous and spontaneous repetition of this emotional experience enabled a gradual and playful work of recognizing skin as a psychic envelope for the child's process of separation/individuation, as an “a-peel” to his psychic birth into being.

Keywords: autism spectrum disorder, psychological makeup, psychic envelope, psychic skin

Referências

- Anzieu, D. (1989). *O eu-pele* (Z. Yazigi e R. R. Mahfuz, Trans.). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985)
- Anzieu, D. (1998). La función continente de la piel. Del Ego e del pensamiento: contenedor, continente, contener. In D. Anzieu, G. Haag, S. Tisseron, G. Lavallée, M. Boubli, & J. Lasségue, *Los continentes de pensamiento* (V. Goldstein, Trad.; pp. 29-61). Ediciones de la Flor. (Trabalho original publicado em 1993)
- Athanassiou, C. (1982). La constitution et l'évolution des premières identifications. *Revue Française Psychanalyse*, 46(6), 1187-1209.
- Batistelli, F. M. V., & Amorim, M. L. G. (Orgs.). (2014). *Atendimento psicanalítico do autismo*. Zagodoni Editora.
- Bianchedi, E. T., Antar, R. A., Bianchedi, M., Cortiñas, L. P., Dimant, S. N., Kaplan, A. G., Sáenz, M. M., & Oelsner R. (1999). Pre-natales / pos-natales: la personalidad total. In *Bion conocido/ desconocido* (pp. 51-63). Lugar Editorial.
- Bick, E. (1992). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica: Vol. 1. Artigos predominantemente teóricos* (B. H. Mandelbaum, Trad.; pp. 237-244). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Hobson, P. (2004). *The cradle of thought: exploring the origins of thinking*. Pan Macmillan.
- Houzel, D. (1991). Identification introjective, réparation, formation du symbole. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, (10), 46-72.
- Maiello, S. (2014, 27-29 de novembro). *Considerações psicanalíticas sobre o corpo “desabitado” da criança autista* [Apresentação de trabalho]. Fórum Interdisciplinar sobre o Desenvolvimento Humano II: Transtornos do Espectro Autístico, São Paulo, SP, Brasil.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária (C. Berliner, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 33-46. <https://bit.ly/3aex0CI>

- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia* (P. S. Souza Jr., Trad.). Blucher.
- Stern, D. N. (1989). *Le monde interpersonnel du nourrisson: une perspective psychanalytique et développementale* (A. Lazartigues & D. Pérard, Trads.). PUF. (Trabalho original publicado em 1985)
- Tustin, F. (1990). *Barreiras autísticas em pacientes neuróticos* (M. C. Monteiro, Trad.). Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso (breakdown). In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (J. O. A. Abreu, Trad.; pp. 70-76). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1974)

Helga S. M. Quagliatto

Endereço: Av. Amazonas, 2245, Jardim Umuarama. Uberlândia/MG.

CEP: 38405-302

Tel.: (34) 3232-0664

E-mail: hquagliatto@yahoo.com.br